

JOVENS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO E NORMAS ESCOLARES: ENTRE RESTRIÇÕES, TRANSGRESSÕES E DESAFIOS

YOUNG HIGH SCHOOL STUDENTS AND SCHOOL NORMS: BETWEEN RESTRICTIONS, TRANSGRESSIONS AND CHALLENGES

Alessandra de Almeida Souza 1

Resumo: Este artigo tem o objetivo de compreender significados dos atos de resistência de jovens estudantes do Ensino Médio diante das normalizações escolares. A investigação inseriu-se em abordagem qualitativa, amparada na fenomenologia social e utilizou como forma de reunião de dados o Grupo de Discussão e como técnica de interpretação, o Método Documentário. Participaram 30 estudantes, por meio de sete (7) Grupos de Discussão. De suas narrativas emergiram sentidos que revelam seus modos de ver o mundo e foram importantes para delinear os modelos de orientação coletiva que guiam suas ações no lugar em que moram e na escola em que estudam. O processo de operacionalização do método de análise nos conduziu a quatro modelos de orientação coletivas nomeadas como dicotomia, enigma, transgressão e proposição. Conclui-se que ser jovem nem sempre representa a rebeldia ou resistência como costumeiramente se ouve, pois, foi possível perceber que há sim, jovens que apresentam tendência em ser mais conservador que não só aceitam as normas como exigem que sejam cumpridas por todos. Assim, ser jovem é não ser unívoco mesmo estando dentro do mesmo contexto social.

Palavras-chave: Juventude. Ensino Médio. Camadas Populares.

Abstract: This article aims to understand the meanings of acts of resistance by young high school students in the face of school normalization. The investigation was part of a qualitative approach, supported by social phenomenology and used the Discussion Group as a way of gathering data and the Documentary Method as an interpretation technique. 30 students participated, through seven (7) Discussion Groups. Meanings emerged from their narratives that reveal their ways of seeing the world and were important in outlining the models of collective guidance that guide their actions in the place where they live and at the school where they study. The process of operationalizing the analysis method led us to four collective guidance models named as dichotomy, enigma, transgression and proposition. It is concluded that being young does not always represent rebellion or resistance as we usually hear, as it was possible to realize that there are young people who tend to be more conservative and who not only accept the rules but also demand that they be followed by everyone. Thus, being young means not being

keywords: Youth. High School. Popular Tiers

1 - Mestre em Educação pela Universidade Estadual do Pará (UEPA), professora da Secretaria Estadual de Educação. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa sobre Juventude, Educação e Sociabilidades (JEDS/UEPA). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1556262602676187>. ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-9159-3056>. Email: alessandra_almeidasouza@yahoo.com.br

Introdução

Falar de juventude é voltar-se para os pensamentos de Mannheim que acreditava que a sua construção seria marcada por processo permanente de continuidade e descontinuidade, para ele, as gerações se entrelaçavam, cada geração que surgia carregaria consigo construções da geração anterior, jovens nascidos em um mesmo período, vivenciariam os mesmos problemas históricos e, portanto, fariam parte do mesmo grupo geracional. Assim, os membros de uma geração compartilham experiências comuns e que por isso usufruem juntos e contemporaneamente dos mesmos benefícios e opressões configurados no contexto em que estão inseridos. Todavia, não significa que todos os membros perpassem por experiências iguais, ao contrário, essa inserção no mesmo contexto social e geracional contribuiria para a estratificação da experiência. Os sujeitos de uma determinada comunidade pode ser compreendidos a partir de sua prática social, suas concepções de mundo, suas tradições e seus valores, os quais foram construídos a partir de um contexto que perpassa pela história, pela cultura e pelas relações sociais.

A importância do contexto social para construção do sujeito jovem e de sua juventude abre espaço para que sejam apresentados os sujeitos que compõe essa pesquisa, são jovens estudantes do Ensino Médio de duas escolas públicas, localizadas em um bairro periférico na cidade de Belém do Pará. Localizar o espaço em que os sujeitos estão inseridos constitui-se em um ponto necessário para mostrar que a juventude não é homogênea mesmo que os membros façam parte da mesma geração, ela se diversifica a partir do local onde o jovem está inserido, ou seja a juventude é uma categoria plural Freire (2009) que se configura a partir da fatores ligados ao local em que está inserida e aos recortes econômico, racial e de gênero.

O presente artigo é um recorte de um trabalho mais amplo, que tem como questão central a seguinte indagação: como os estudantes do Ensino Médio de duas escolas públicas em Belém do Pará, constroem, manifestam e significam atitudes e estratégias de enfrentamento das regras e normalizações escolares? Tem como objetivo compreender os sentidos e significados dos atos de resistência de jovens estudantes de Ensino Médio diante das normalizações escolares. A pesquisa insere-se em uma abordagem qualitativa com enfoque na fenomenologia social a partir das concepções do sociólogo Alfred Schutz (1899- 1959), utiliza como coleta de dados, o grupo de discussão Weller (2005) e como técnica de análise, o procedimento da pesquisa qualitativa reconstrutiva, o método documentário, (BOHNSACK: WELLER; 2011). Os sujeitos dessa pesquisa foram 30 jovens de Ensino Médio de duas escolas públicas do Estado do Pará, por meio de 7 (sete) grupos de discussão denominados como: Liberdade, Boné; Batalha de rima; Questionadores; Empoderadas, Futebol, Denúncia.

De acordo com Gatti (2011) a pesquisa qualitativa possibilita a visão holística dos fenômenos, levando em consideração todos os componentes de uma situação em suas interações e influências recíprocas. Por meio do contato direto entre o pesquisador e seu objeto de estudo obter dados descritivos. A fenomenologia social foca no sujeito e nas suas compreensões sobre um determinado fenômeno social. Os sentidos atribuídos às coisas, aos fenômenos sociais são dotados de intencionalidade e intersubjetividade (JESUS, 2013). A consciência do indivíduo se volta para algo e atribui um significado comum a partir de uma experiência humana. Para Weller et al (2020) método documentário possibilita a interpretação de visões de mundo de um determinado grupo, analisa fenômenos culturais que não poderiam ser quantificados, além de delinear modelos de orientação da ação prática, auxiliando na compreensão de demandas, tensões e conflitos no âmbito educacional (BASSALO, 2019).

Juventude Amazônica das camadas populares e a escola

A formação populacional da região amazônica foi fomentada por meio de uma política de integração do governo militar (1964-1985) que buscou “ocupar o vazio demográfico” que a região apresentava como uma forma de proteção do território brasileiro contra possíveis

ocupantes estrangeiros. Por meio do discurso “integrar para não entregar” os governos militares incentivaram a vinda de pessoas de várias regiões do país para se fixar em terras amazônicas. Um grande contingente populacional de diferentes lugares passou a fazer parte da região, impulsionados pela necessidade empregatícia, causando uma explosão demográfica desordenada e precária que gerou uma urbanização excludente, todo esse processo migratório e imigratório resultou na configuração populacional amazônica que temos atualmente e na formação identitária da juventude.

A juventude Amazônica não é homogênea, temos jovens indígenas, brancos, negros, ribeirinhos, jovens que vivem no campo, na cidade que apresentam vivências variadas. Os sujeitos dessa pesquisa são jovens amazônicos das camadas populares da cidade de Belém, realidade que espelha a caráter plural que se tem a respeito do conceito de juventude. Para Dayrell (2007) ser jovem das camadas populares pode significar ausências materiais, pois ao lado da sua condição como jovens, aliam-se a pobreza que interfere de forma direta na vida, nas possibilidades e sentidos que assumem a vivência juvenil. O desafio maior dessa juventude é garantir a própria sobrevivência em uma forte tensão entre a busca urgente de gratificação e um possível projeto futuro. O trabalho seja ele informal ou não, faz parte da vida dessas meninas e meninos, é por meio dele que conseguem viver a condição juvenil, garantindo recursos para o lazer, o namoro ou consumo. O trabalho não implica necessariamente no abandono da escola, ambos caminham paralelamente, são projetos que se superpõem, porém influenciam na trajetória escolar desses e dessas estudantes.

São esses jovens que entram para a escola de Ensino Médio em busca de formação para a construção de suas perspectivas de futuro, porém especialistas mostram que o ambiente escolar não tem despertado interesse nos estudantes, é como se a mesma andasse na contramão das perspectivas dos jovens da contemporaneidade, talvez por homogeneizar a todos, desconsiderando que os estudantes além de estudantes são jovens e apresentam cultura, identidade, modos juvenis. Para Carrano e Brenner (2014) considerar as singularidades implica em reconhecer nos estudantes sujeitos de suas próprias vidas, culturas e trajetórias, assim, a escola necessita rever valores, reorganizar seus tempos e espaços para que possa permitir que as diversas vozes do cotidiano escolar interajam em espaços de convivência democrática.

O cotidiano escolar em descompasso com as aspirações dos estudantes tanto educacional quanto em relação as normalizações escolares foram impulsionadoras dessa pesquisa, as maneiras como os meninos e meninas elaboravam estratégias de resistências à negação de sua cultura juvenil ou às normas, que para eles eram arbitrárias, foram cruciais para que houvesse a necessidade de fazer grupos de discussão para compreender os sentidos e os significados dos atos de resistências frente às normas escolares.

Resultados e Discussões

Para iniciarmos o processo de compreensão das percepções dos sujeitos acerca da problemática dessa investigação foi perguntado aos grupos de discussão Liberdade, Batalha de Rima, Denúncia, Boné, Futebol, Empoderadas e Questionadores com percebiam ser jovem e moradores do Bairro da Terra firme. Os grupos apontaram três pontos negativos, mas frisaram que há um lado bom em se viver naquele lugar. Para eles e elas, o bairro restringe a liberdade de ser jovem pelo alto índice de violência que o bairro apresenta, onde as principais vítimas são os garotos. A ausência de infraestrutura implica na vida desses jovens, pois quando há excesso de chuva não tem aula, pois há o alagamento das redondezas da escola, impedindo a sua entrada no espaço, apontam que ausência de saneamento básico e de cuidado com o lixo por parte da população impactam negativamente a vida de todos os moradores do bairro e fatores que restringem a sua liberdade. O ponto positivo percebido pelos meninos e meninas é orgulho que sentem em morar no bairro, pois há pessoas de bem, pais de famílias, trabalhadores duros e além da localização do bairro, a presença de equipamentos urbanos em sua proximidade e a boa relação interpessoal.

Em relação as suas percepções acerca das normalizações escolares relacionadas ao

uniforme especificamente, posto que a escola por muitas vezes impediu a entrada desses meninos e meninas nesse espaço pela ausência ou “inadequação” do uniforme. Para os GDs, não havia sentido algum a escola proibi-los de adentrar no ambiente educacional pela ausência do uniforme, ou por estarem vestindo calças coloridas ou rasgadas e portando bonés. A sua compreensão sobre essa atitude da escola era nula, não fazia sentido, sendo até enigmático para o seu entendimento. Era inadmissível perder aulas por causa de uma calça de cor, pois a mesma não atrapalharia em nada o seu aprendizado. Da mesma forma, o boné, para eles o boné é um acessório igual a um relógio, e deveria ser permitido, já que faz parte da cultura deles, além de proteger do sol e esconder os cabelos “desarrumados” pela falta de corte. Apontaram que a escola também deveria exigir dos docentes o uso do uniforme, pois assim os deveres seriam iguais e evitaria que educadores comparecessem com roupas coladas, curtas e decotadas, que segundo estudantes era comum acontecer.

É importante ressaltar os sentidos e significados que o uniforme escolar (blusa) apresenta para os meninos entrevistados, para eles essa vestimenta tem o sentido de proteção contra possíveis ataques da polícia, como bem disseram, “o uniforme é o nosso colete”. A constância em que eram parados para serem revistados no caminho da escola, que segundo eles era por causa de uma tatuagem, fez perceberem que portar o uniforme até chegar na escola era um ponto positivo, pois impedia que fossem parados ou alvo de “balas perdidas”. Há de se considerar também que o GD Denúncia compreende que as regras devem ser seguidas, pois há muitos estudantes que respeitam as exigências da escola, vestem-se de acordo com o exigido e por essa situação acham-se injustiçadas quando a escola dilata os prazos de entrada com uniforme ou até mesmo permite que estudantes entrem sem o mesmo.

O GD Questionadoras apontou a que escola falha ao não padronizar o uniforme de acordo com os níveis de ensino (Fundamental e Médio), para elas essa situação deixa a escola “bagunçada”. Questionam a posição de privilégio dos meninos quanto ao uso de vestimentas para realização da Educação Física, pois podem usar o que desejarem, enquanto que as meninas, não.

O ato de resistir e de negar as regras da escola era visto cotidianamente, meninos e meninas criavam estratégias de resistência e de transgressão às regras de forma individual e coletiva. O GD questionadores narrou que o ato de pular o muro tanto para adentrar como para sair da escola era comum quando era negado a sua entrada ou saída mesmo que de maneira momentânea. Revelaram que burlavam a regra, pulando o portão no momento em que o porteiro “barrava” sua entrada na escola, para solucionar essa situação, transgrediam as normas e entravam de forma clandestina. Um outro episódio contado, se refere a sua necessidade de comprar lanche fora da escola, quando a mesma não oferecia merenda escolar, ao serem negados/ negadas a sua saída o ato era feito. E por fim, pular o muro era comum em tempos chuvosos, os meninos aproveitavam que a visão dos vigilantes estava comprometida por causa da chuva, aproveitavam para adentrar na quadra de esporte de uma universidade localizada ao lado da escola, para jogar bola na quadra coberta.

Em contrapartida, é importante dizer que o ato de sair da escola clandestinamente, não era sinal que não votariam para a mesma, pois segundo um relato de um estudante “**mas a gente sempre voltava” havia sempre o retorno para a escola.** Uma outra forma de resistir às normalizações era o ato costumeiro de enfrentamento do porteiro, os meninos e meninas compreendiam que o profissional da portaria era o responsável por não permitir a sua entrada. Dessa forma, percebiam que a escola não tinha um olhar mais atento para os estudantes, visto que não era possível uma relação de diálogo entre eles e a portaria, denunciavam que a postura da escola de fechar o portão é uma forma de negar o estudante. Para eles o ato de fechar o portão era: “**parece que não querem o aluno na escola**”, ou seja, os meninos e as meninas colocavam a função social da escola em dúvida, desconfiando dela como uma instituição feita para acolher e educar os estudantes. Insistir com a portaria era mais uma forma de resistir às normas que os impediam de adentrar a escola, esse ato se constitui em um indicativo de mostrar que algo inesperado ocorreu em seu cotidiano e que precisava ser ouvido para ser avaliado e atendido de forma positiva pela direção da escola, representada pelo porteiro. A ausência do uniforme, o uso de calças coloridas e rasgadas, o uso do boné, cada um desses item

tinha explicação, inclusive relacionado às questões econômicas, muitos apontavam carência material para adequar-se às regras da escola, realidade que segundo eles, não era escutada pela escola.

Para a maioria dos jovens do Ensino Médio, a escola é enfadonha e desinteressante por não oferecer um ensino inovador capaz de atender aos desejos desses meninos e meninas, a escola não faz sentido, não amplia os seus horizontes. Além disso, é permeada por normalizações que não eram compreendidas. Essa realidade, foi percebida por um grupo de discussão que naturalmente, pontuou em suas narrativas como gostaria que a escola de Ensino Médio fosse. Diante disso, os estudantes pontuaram a importância e o reconhecimento do trabalho dos docentes, afirmando que “quem salva a escola são os professores”, contudo apontam também a fragilidade que há nas relações interpessoais entre professores e estudantes que atrapalha o processo de aprendizagem. Além disso, mostraram que gostariam de aulas mais criativas e exploratórias, implantação de projetos e fechamento de parcerias com instituições diversas, inclusive universidades.

Conclusão

O processo de análise conduziu a quatro modelos de orientação coletivas nomeados como dicotomia, desvelou que ser jovem e morador da Terra Firme é conviver com problemas que o bairro enfrenta, mas é bom. A Orientação coletiva enigma, demonstrou que não há lógica, nem são compreensíveis as normalizações escolares, bem como concebidas como frágeis, flexíveis demais e injustas por não permitirem a expressão de sua subjetividade. Acerca da orientação coletiva transgressão, demonstrou que as regras escolares não eram aceitas por todos/ causando o aumento da tensão entre escola e estudante, restando a este aceitar ou resistir. A orientação coletiva proposição mostrou a visão de uma escola ideal ou como gostariam que fosse dando destaque ao papel do professor.

Referências

BOHNSACK, Ralf; WELLER, Wivian. **O Método Documentário na análise de grupos de discussão**. In: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicole (org). Metodologia de Pesquisa Qualitativa em Educação. 2ª. Ed. Petrópolis, Rj: Vozes, 2011.

BASSALO, LUCÉLIA. **O método documentário e o estudo da formação de professores e gênero**. In: Painel Temático Anped, 39ª Reunião Nacional. 2019. Rio de Janeiro. Anais eletrônico[...] p.8-12 Disponível em: http://anais.anped.org.br/sites/default/files/arquivos_6_1. Acesso em: 25 de outubro de 2023.

CARRANO, Paulo; DAYRELL, Juarez. **Juventude e Ensino Médio: quem é este aluno que chega á escola**. Editora UFMG, 2014.

DAYRELL, Juarez. **A escola faz juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil**. Educação e Sociedade. Campinas, v 28, n 100, p. 1105- 1129.

GATTI, Bernadete; ANDRÉ, Marli. **A relevância dos Métodos de Pesquisa em Educação no Brasil**. In: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicole (org). Metodologia de Pesquisa Qualitativa em Educação. 2ª. Ed. Petrópolis, Rj: Vozes, 2011.

HAGE, Salomão Mufarrej. **Por uma escola do campo de qualidade social: transgredindo o paradigma (multi) seriado de ensino**. Brasília, v.24, n.85. p. 97- 113, abr/ 2011.

JESUS, Maria Cristina Pinto de. et. al. A fenomenologia social de Alfred Schutz e sua contribuição para a enfermagem. Revista esc. Enfermagem. USP [online], vol.47, n.3,pp. 736-741, 2013.

SCHUTZ, Alfred. **Fenomenologia e Relações Sociais**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

Recebido em 22 de maio de 2023.
Aceito em 27 de outubro de 2023.